

Lula é recebido como herói no Fórum Social Mundial	01
CUT lança cartilha "Igualdade faz a Diferença"	02
Regimes de exceção e situação da África no Fórum Social	04
Chomsky: EUA estão seguindo seu manual no Egito	05

INTERNACIONAL

Lula é recebido como herói no Fórum Social Mundial

"Só fomos chamados para reuniões com os países ricos quando eles entraram em crise e precisavam do nosso apoio". "Não há soberania efetiva sem segurança alimentar"

Lula no fórum: não se pode trocar neoliberalismo por nacionalismo atrasado

O ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** cobrou do Fórum Social Mundial uma postura firme diante da posição dos países ricos em relação à África.

"Penso que o Fórum deveria tomar uma decisão: não é possível que o mundo rico não assuma um compromisso com o Continente Africano, exatamente no momento em que o preço dos alimentos sobe no mundo inteiro. Não pensem que o G-20 tem sensibilidade para o problema da fome. Só fomos chamados para reuniões com os países ricos quando eles entraram em crise e precisavam do nosso apoio", afirmou Lula.



Lula ganhou aplausos dos representantes dos movimentos sociais que lotaram o auditório, entre eles muitos brasileiros, ao dizer que acha que "não faz sentido que FMI [Fundo Monetário Internacional] e Banco Mundial imponham ajustes que inviabilizem políticas públicas de incentivo à agricultura em países pobres".

Também foi saudado ao afirmar que é cada vez mais forte a consciência de que fracassou o chamado Consenso de Washington (conjunto de medidas pactuadas em 1989 por organismos financeiros multilaterais, como FMI e Banco Mundial, que serviu de base para políticas de estabilização econômica de países em desenvolvimento). "Quem, com arrogância, nos dava lições, não foi capaz de evitar a crise nos seus próprios países. Felizmente não vigoram mais as teses do Estado mínimo, sem presença reguladora. O mercado já não é mais a panaceia".

Lula completou dizendo que não se pode trocar o neoliberalismo pelo "nacionalismo atrasado, opção da direita americana e europeia, culpando o imigrante pela corrosão social".

Lula participou de uma mesa sobre o peso geopolítico da África, ao lado do presidente de Senegal, Abdoulaye Wade. "O Brasil não tem pretensão de ditar modelos para ninguém". Mas, segundo ele, "nosso êxito pode ser um estímulo para a construção de um caminho alternativo ao desenvolvimento sustentável e igualdade social".

"É hora de colocar o desenvolvimento e a democracia no centro da agenda africana", afirmou o ex-presidente. "É urgente incorporar à cidadania milhões de africanos pobres, o que será importante também na recuperação da economia mundial". A saída, segundo ele, é produzir alimentos. "Não há soberania efetiva sem segurança alimentar". >>>

Lula disse que leva ao fórum a mensagem de quem governou o país com a segunda maior comunidade negra do mundo (80 milhões de pessoas), menor apenas que a da Nigéria. Repetiu o pedido de desculpas feito quando da primeira visita ao Senegal, em 2005, por causa do processo de escravidão ocorrido no Brasil até o fim do século 19. "A melhor maneira de reparar é lutar para fazer desse Continente um dos mais prósperos e justos do século 21".

Na sequência, o presidente do Senegal, Abdoulaye Wade, afirmou ter "profundos desacordos" com os participantes do fórum porque é "um liberal, partidário da economia de mercado, e isso diz tudo". Entretanto, afirmou, o Fórum Social é importante porque "o mundo espera pela ideia que o salvará do caos".

Presidente desde 2000, Wade afirmou que o Senegal melhorou muito desde então. "A renda per capita era de menos de U\$ 1,5 mil em 1999. Hoje é de U\$1,34 mil, duas vezes e meia o limite da pobreza". O país também é autossuficiente na produção de alimentos.

"A aspiração à mudança é fundamental. E hoje a África está numa encruzilhada. A imagem é de continente pobre, mas é preciso corrigir essa ideia. Ela não é pobre - foi empobrecida", sentenciou o presidente do Senegal. Wade disse que apoia a proposta de taxação do fluxo de capitais em 20%, o que geraria recursos para combater a pobreza. E defendeu que a África tenha um assento com direito a veto no Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU). "70% dos temas tratados [no conselho] são relativos à África", disse o presidente senegalês. (Edição: Vinicius Doria) (Eduardo Castro, Correspondente da EBC na África) (Agência Brasil, 07.02.2011)

Em ato simbólico na Ilha de Gorée,

CUT lança cartilha "Igualdade faz a Diferença"

Mansão dos Escravos, em Dakar, foi palco de evento do Fórum Social Mundial

Leonardo Severo/CUT

Da Ilha de Gorée, a pouco mais de três quilômetros de Dakar, capital do Senegal, saíram entre 15 a 20 milhões de africanos para servir de mão de obra escrava em toda costa oeste dos Estados Unidos, no Brasil e no Haiti. Calcula-se que, destes, seis milhões não tenham chegado com vida ao outro lado do Atlântico. Ou seja, sequer chegaram ao destino – previamente traçado pelos senhores do mundo de então - cerca de 40% dos seres humanos amontoados como animais nos muitos navios de bandeira européia. A mesma Europa, por sinal, que hoje dominada pela lógica da exclusão, nega direitos aos trabalhadores migrantes e renega os mais elementares valores humanos.

Durante quase 400 anos, entre os séculos XV e XIX, o local – onde hoje está localizada Dakar, que sedia até o próximo domingo o Fórum Social Mundial - foi o maior centro de tráfico negreiro para a América. Por ser o ponto localizado mais a oeste do continente africano, era também o mais próximo para a travessia da carne humana. E dali (daqui), separados de seus entes queridos, partiram em duplas e com grilhões nos pés, homens, mulheres e crianças. Vidas desfeitas que vitaminaram, a suor e sangue, a riqueza das metrópoles. Vidas sugadas pelo açoite em intermináveis jornadas nas plantações, seja de cana de açúcar, algodão ou outro produto qualquer que o interesse do cifrão elegeisse como prioritário.

Classificada como Patrimônio da Humanidade, a Ilha de Gorée voltou à cena do planeta nesta segunda-feira. Não mais como campo de concentração e anúncio de extermínio, não mais como centro de estupro ou aniquilação, mas de irmandade, conagraçamento e solidariedade entre todos os povos, de todas as raças.

No Fórum Social Mundial, que reúne até o próximo domingo milhares de pessoas de mais de 120 países, a Central Única dos Trabalhadores, com apoio da **Confederação Sindical Internacional (CSI-África)** e da **CGIL-Itália**, transformou a Mansão dos Escravos, circo de horrores construído pelos holandeses em 1776 e atualmente transformado em museu, em palco para o lançamento da Cartilha "Igualdade faz a Diferença, Políticas para a Igualdade Racial e Combate à Discriminação". >>>

>>> CUT lança cartilha "Igualdade faz a Diferença"

(...) "Este é um ato carregado de simbolismo, de uma emoção que carrega a intensidade das vidas ceifadas pela escravidão no passado, mas também no presente. Afinal, o neoliberalismo e o neocolonialismo mantêm a mesma lógica perversa de exploração, particularmente sobre os países e povos da África", denunciou **Maria Júlia Nogueira, secretária nacional de Combate ao Racismo da CUT**. O assalto das transnacionais aos recursos naturais do continente e a super exploração da mão de obra dos trabalhadores migrantes, com a negação de direitos básicos, alertou Júlia, são algumas das formas em que o passado continua contaminando e amaldiçoando o presente. "Comprometidos com a reparação desta injustiça histórica, temos apoiado as ações do governo brasileiro em benefício do povo africano, fortalecendo a integração e a solidariedade com maior presença do Estado no fomento a iniciativas que contribuam para a melhoria das condições de vida da sua população, como é a ação da Embrapa no continente", apontou.



Em relação à negritude brasileira, frisou **Maria Júlia Nogueira**, "a CUT está empenhada em debater e consolidar ações afirmativas que diminuam as desigualdades e potencializem o protagonismo dos negros e negras, o que é essencial para a construção de uma nova realidade e de uma nova sociedade, justa e igualitária".

A fim de que o debate sobre o continente africano ganhe maior projeção, assim como as bandeiras reivindicadas pelo movimento negro, a CUT do Estado de São Paulo vai promover um Primeiro de Maio focado no tema. Presente ao Fórum, o **líder metalúrgico e presidente da CUT-SP, Adi dos Santos Lima** está dialogando – e convidando - os sindicalistas africanos para que participem do evento. "Nosso sentimento, reforçado no dia de hoje com a visita à Ilha de Gorée, é que a história da África, que tanto nos diz respeito, continua esquecida, adormecida, e é preciso um gesto de despertar. Por isso o nosso objetivo é fazer do Dia do Trabalhador em São Paulo um espaço para diminuir as distâncias que ainda nos separam do povo africano, que está na nossa origem. É hora de valorizar sua contribuição para a construção da nossa identidade. Será uma comemoração que, assim como neste lançamento da nossa cartilha, a classe trabalhadora celebrará a valorização da vida, relembrando as suas raízes", ressaltou Adi.

De acordo com o **secretário de Políticas Sociais da CUT Nacional, Expedito Solaney**, o lançamento da cartilha durante o Fórum Social Mundial dialoga com a necessidade de fazer um contraponto à ideologia reacionária e racista que move a globalização neoliberal, que representa a negação de direitos básicos a expressivas parcelas da população, particularmente no continente africano. Mas também no nosso país, declarou Solaney, "precisamos estar atentos ao combate à desigualdade, que necessita de políticas afirmativas para que a população negra tenha emprego digno e salário justo". Lembrando que "o sistema capitalista ainda é uma forma de escravidão", Solaney destacou que é preciso aumentar o nível de organização e consciência da classe trabalhadora para a sua superação.

Solaney lembrou que do ponto de vista mais imediato, a CUT tem estado à frente da luta pela erradicação do trabalho escravo, apoiando as ações do Grupo Móvel do Ministério do Trabalho, que tem libertado em média 25 mil dos 40 mil trabalhadores e trabalhadoras anualmente submetidos a tão pusilânimes relações. "É necessário ampliar os investimentos para erradicarmos definitivamente esta mazela que ainda existe em nosso país, penalizando brancos e negros, particularmente em estados como o Maranhão e o Piauí". Para acabar com esta chaga, destacou, "defendemos que o governo federal coloque em pauta, com o máximo de urgência, a PEC 438, expropriando as propriedades rurais onde forem encontrados trabalhadores em condições análogas à de escravidão". "Não podemos e não vamos permitir que seres humanos sejam tratados como coisas, como objetos descartáveis, como dejetos", enfatizou.

Como jovem, mulher e negra, Rosana Souza, secretária nacional de Juventude da CUT falou sobre a emoção de participar da cerimônia na Mansão dos Escravos, contando com o apoio e a solidariedade de companheiros e companheiras de vários países como Bélgica, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França e Itália. "É duro falar sobre a intensidade desta sensação. Difícil entender tamanha crueldade contra crianças, jovens e mulheres que eram trocados ou vendidos a preço de nada. Também foi triste ver um local que carrega tanto sofrimento. Mais difícil ainda é pensar no abuso sexual a que eram submetidas as mulheres negras que, infelizmente, continuam carregando o peso da discriminação e do preconceito em nossos países, sendo vistas muitas vezes apenas como objeto de prazer", acrescentou Rosana.

Também participaram do evento a secretária nacional de Comunicação da CUT, Rosane Bertotti; o secretário de Relações do Trabalho da CUT Nacional, Manoel Messias, lideranças da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Segurança Social (CNTSS), da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e da Apeoesp. (*Leonardo Severo (CUT, 08.02.2011)*)

Regimes de exceção e situação da África no Fórum Social

Tudo indica que os conflitos no Egito - hoje em seu 14º dia - a realidade africana (de pobreza e ditaduras na maioria dos países) e a democracia no mundo árabe estarão no centro dos debates desta 11ª edição do Fórum Social Mundial (FSM) aberto neste fim de semana em Dakar, no Senegal.

Gastos militares, crise alimentar, subdesenvolvimento, agricultura familiar, saúde, seguridade social, acesso à água e a saneamento, lei e governança também estão na pauta das discussões. O FSM começou com uma passeata de três quilômetros pelas ruas de Dacar, rumo à Universidade Cheikh Anta Diop (Ucad), sede do encontro mundial.

Programado para se desenvolver entre 6 e 16 deste mês, o FSM deste ano reúne na África cerca de 50 mil participantes de 123 países, voltados para mais de mil atividades e propostas apresentadas por 1.205 entidades da sociedade civil. São números impressionantes, que atestam a credibilidade e a importância do FSM neste momento.

Para um de seus coordenadores, Taoufik Ben Abdallah, integrante dos Conselhos Africano e Internacional do FSM, "a situação da Tunísia, Costa do Marfim e Egito obteve esse eco no mundo por representar situações comuns a vários países. (Mas), queremos que o FSM-2011 seja um impulsionador de energias e das capacidades dos povos para melhorarem suas próprias vidas".

A representação oficial do governo brasileiro no FSM deste ano é chefiada pelo ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho (leiam post acima). Além de Carvalho, também integram a delegação e já estão no Senegal as ministras da Secretaria de Direitos Humanos, Maria do Rosário, e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Luiza Helena de Barros.

Hoje a tarde (dia 7), ao lado dos presidentes Abdou Layewade (Senegal) e Evo Morales (Bolívia), o ex-presidente Lula participará da mesa-redonda "A África na geopolítica mundial", uma das mais aguardadas.

Apoio a Gilberto Carvalho no Fórum Social

Ele comparou luta no Egito à nossa contra ditadura no Brasil.

Endossamos em gênero, número e grau a posição do governo brasileiro sobre o Egito, externada no Fórum Social Mundial - este ano, em Dakar, no Senegal (África) - pelo ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho.

O ministro adiantou que o governo brasileiro apoia o movimento pela derrubada do ditador egípcio, Hosni Mubarak e comparou a luta que se trava naquele país à desencadeada contra a ditadura militar no Brasil. Carvalho acentuou que nosso país espera que Mubarak convoque eleições para permitir uma transição para a democracia.

"O Brasil - acentuou o ministro - está acompanhando com muita atenção e disposto a apoiar esses movimentos de massa. Eles se mostram de tal forma fortes que é muito importante uma atitude de Mubarak evitando a violência, e que abra a possibilidade de novas eleições. Temos a expectativa de que Mubarak tenha bom senso e evite o derramamento de sangue."

A cautela tradicional

Eu entendo a posição de cautela do Itamaraty. E de sua tradição, uma das marcas de política externa, mas a nossa chancelaria não precisava exagerar. Tampouco sair em campo para retificar as declarações do ministro Gilberto Carvalho e considerá-las representativas de uma opinião pessoal dele e não do governo brasileiro.

"O Brasil tem uma posição de cautela, observação e apoio à democracia em relação aos recentes conflitos no Egito e não pedirá a saída imediata de Mubarak", retificou o Itamaraty ao falar sobre as declarações de Gilberto Carvalho. A chancelaria brasileira diz esperar, ou torcer, por "aprimoramento institucional e democrático" do Egito.

A propósito, o que é mesmo aprimoramento democrático num país que não tem democracia? O Egito vive há 30 anos sob a ditadura do general Mubarak e há mais de meio século sob regimes ditatoriais. (Blog do Zé Dirceu, 07.02.2011)

Chomsky: EUA estão seguindo seu manual no Egito

Em entrevista a Amy Goodman, do Democracy Now, Noam Chomsky analisa o desenrolar dos protestos no Egito e o comportamento do governo dos Estados Unidos diante deles.



Na sua avaliação, o governo Obama está seguindo o manual tradicional de Washington nestas situações:

"Há uma rotina padrão nestes casos: seguir apoiando o tempo que for possível e se ele se tornar insustentável – especialmente se o exército mudar de lado – dar um giro de 180 graus e dizer que sempre estiveram do lado do povo, apagar o passado e depois fazer todas as manobras necessárias para restaurar o velho sistema, mas com um novo nome".

Amy Goodman - Democracy Now

Nas últimas semanas, os levantes populares ocorridos no mundo árabe provocaram a destituição do ditador Zine El Abidine Bem Ali, o iminente fim do regime do presidente egípcio Hosni Mubarak, a nomeação de um novo governo na Jordânia e a promessa do ditador de tantos anos do Yemen de abandonar o cargo ao final de seu mandato. O Democracy Now falou com o professor do MIT, Noam Chomsky, acerca do que isso significa para o futuro do Oriente Médio e da política externa dos EUA na região. Indagado sobre os recentes comentários do presidente Obama sobre Mubarak, Chomsky disse: "Obama foi muito cuidadoso para não dizer nada; está fazendo o que os líderes estadunidenses fazem habitualmente quando um de seus ditadores favoritos têm problemas, tentam apoiá-lo até o final. Se a situação chega a um ponto insustentável, mudam de lado".

Amy Goodman: Qual é sua análise sobre o que está acontecendo e como pode repercutir no Oriente Médio?

Noam Chomsky: Em primeiro lugar, o que está ocorrendo é espetacular. A coragem, a determinação e o compromisso dos manifestantes merecem destaque. E, aconteça o que aconteça, estes são momentos que não serão esquecidos e que seguramente terão consequências a posteriori: constrangeram a polícia, tomaram a praça Tahrir e permaneceram ali apesar dos grupos mafiosos de Mubarak. O governo organizou esses bandos para tratar de expulsar os manifestantes ou para gerar uma situação na qual o exército pode dizer que teve que intervir para restaurar a ordem e depois, talvez, instaurar algum governo militar. É muito difícil prever o que vai acontecer.

Os Estados Unidos estão seguindo seu manual habitual. Não é a primeira vez que um ditador "próximo" perde o controle ou está em risco de perdê-lo. Há uma rotina padrão nestes casos: seguir apoiando o tempo que for possível e se ele se tornar insustentável – especialmente se o exército mudar de lado – dar um giro de 180 graus e dizer que sempre estiveram do lado do povo, apagar o passado e depois fazer todas as manobras necessárias para restaurar o velho sistema, mas com um novo nome.

Presumo que é isso que está ocorrendo agora. Estão vendo se Mubarak pode ficar. Se não aguentar, colocarão em prática o manual. >>>

Amy Goodman: Qual sua opinião sobre o apelo de Obama para que se inicie a transição no Egito?

Noam Chomsky: Curiosamente, Obama não disse nada. Mubarak também estaria de acordo com a necessidade de haver uma transição ordenada. Um novo gabinete, alguns arranjos menores na ordem constitucional, isso não é nada. Está fazendo o que os líderes norte-americanos geralmente fazem.



Os Estados Unidos tem um poder constrangedor neste caso. O Egito é o segundo país que mais recebe ajuda militar e econômica de Washington. Israel é o primeiro. O mesmo Obama já se mostrou muito favorável a Mubarak. No famoso discurso do Cairo, o presidente estadunidense disse: "Mubarak é um bom homem. Ele fez coisas boas. Manteve a estabilidade. Seguiremos o apoiando porque é um amigo".

Mubarak é um dos ditadores mais brutais do mundo. Não sei como, depois disso, alguém pode seguir levando a sério os comentários de Obama sobre os direitos humanos. Mas o apoio tem sido muito grande. Os aviões que estão sobrevoando a praça Tahrir são, certamente, estadunidenses.

Os EUA representam o principal sustentáculo do regime egípcio. Não é como na Tunísia, onde o principal apoio era da França. Os EUA são os principais culpados no Egito, junto com Israel e a Arábia Saudita. Foram estes países que prestaram apoio ao regime de Mubarak. De fato, os israelenses estavam furiosos porque Obama não sustentou mais firmemente seu amigo Mubarak.

Amy Goodman: O que significam todas essas revoltas no mundo árabe?

Noam Chomsky: Este é o levante regional mais surpreendente do qual tenho memória. Às vezes fazem comparações com o que ocorreu no leste europeu, mas não é comparável. Ninguém sabe quais serão as consequências desses levantes. Os problemas pelos quais os manifestantes protestam vem de longa data e não serão resolvidos facilmente.

Há uma grande pobreza, repressão, falta de democracia e também de desenvolvimento. O Egito e outros países da região recém passaram pelo período neoliberal, que trouxe crescimento nos papéis junto com as consequências habituais: uma alta concentração da riqueza e dos privilégios, um empobrecimento e uma paralisia da maioria da população. E isso não se muda facilmente.

Amy Goodman: Você crê que há alguma relação direta entre esses levantes e os vazamentos de Wikileaks?

Noam Chomsky: Na verdade, a questão é que Wikileaks não nos disse nada novo. Nos deu a confirmação para nossas razoáveis conjecturas.

Amy Goodman: O que acontecerá com a Jordânia?

Noam Chomsky: Na Jordânia, recém mudaram o primeiro ministro. Ele foi substituído por um ex-general que parece ser moderadamente popular, ou ao menos não é tão odiado pela população. Mas essencialmente não mudou nada.

(Tradução: Katarina Peixoto) (Carta Maior, 08.02.2011)